



## “GOSTA DE MIM? SIM OU NÃO?”: O QUE PODE UMA DRAG QUEEN NA ESCOLA?

Roney Polato de Castro<sup>1</sup>  
Karoline Kellen Sena<sup>2</sup>  
Jessica Novaes Queiroz<sup>3</sup>

### Resumo

O texto toma como foco de análise um vídeo em que a *drag queen* Femmenino visita o Colégio de Aplicação João XXIII, interagindo com as crianças por ocasião do mês da criança. Em tempos de renovação e intensificação de uma moral conservadora, tomamos como mote de análise a presença da *drag* na escola e as repercussões que o vídeo obteve após ser divulgado nas redes sociais, gerando intensos debates e opiniões contrárias à sua presença. O argumento central é que uma *drag* na escola pode provocar deslocamentos em experiências de gênero e inquietações que conduzem a uma problematização dos limites impostos pelas normas de gênero, considerando o papel da escola enquanto instituição envolvida na ampliação dos repertórios culturais e de questionamentos diante do *status quo*.

**Palavras-chave:** Escola, gênero e Drag Queen.

### Uma drag queen na escola: agitações de gênero

As aparentes contradições do contemporâneo vêm se expressando de muitos modos, dentre os quais destacamos as tensões entre a fluidez do pensamento e modo acelerado como as ideias circulam pelos contextos sociais e a produção de respostas a esses elementos que anunciam instabilidade e rompimento com valores e tradições. Esse argumento inicial nos serve para pensar as relações de forças que deslocam sentidos e significados de gênero e sexualidade em tempos de acirrados debates e de fundamentalismo moral. Tomaremos como mote para o debate um vídeo<sup>4</sup> divulgado nas redes sociais, em que o artista Nino de Barros, que incorpora a *drag queen* Femmenino, visita o Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora, por ocasião do mês da criança (outubro de 2017). O programa apresentado pela *drag*, intitulado “Na hora do lanche”, apresenta uma interação descontraída e divertida com as crianças, na presença das professoras. Era um dia como outro qualquer no cotidiano da escola, mas a chegada da *drag queen* anima e transforma o cenário.


<sup>1</sup> Doutor em Educação, professor da FAGED, Universidade Federal de Juiz de Fora; roneypolato@gmail.com.

<sup>2</sup> Bacharela em Ciências Humanas e graduanda em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora; e-mail. karolinekellensena@gmail.com.

<sup>3</sup> Licenciada em Ciências Biológicas e licencianda em Pedagogia, Universidade Federal de Juiz de Fora; Jessica\_novaesq@hotmail.com.

<sup>4</sup> Vídeo disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=NubKm\\_FFZic](https://www.youtube.com/watch?v=NubKm_FFZic). Último acesso: 24 de maio 2018.






Mais que isso, anuncia a possibilidade de movimentar ideias aparentemente fixadas nas subjetividades das crianças, a partir das tradições hetero-cis-normativas.

O vídeo tem duração de aproximadamente quatro minutos e mostra a visita da *drag queen* à escola, passando pelos corredores, salas de aula, pátio. São cenas de descontração, em que as crianças demonstram estar animadas com a visitante. A *drag* interage, faz perguntas sobre os brinquedos com os quais desejam ser presenteadas no dia das crianças. Em algum momento, Femmenino pergunta em voz alta: “Quem quer me ganhar de dia das crianças?”, ao que as crianças respondem com um grito “Euuuu...!”. “Gosta de mim, sim ou não?”, pergunta novamente, ao que as crianças respondem em alto e bom tom “Simmm...!”. Em outro momento, as crianças demonstram conhecer algo de uma cultura *drag*, ao confundir Femmenino com Pablo Vittar e, em seguida, cantar em coro a música dessa artista *drag* que vem ganhando grande visibilidade na mídia televisiva e na Internet.

Guardadas as devidas excepcionalidades, tomaremos a figura da *drag queen* como capaz de provocar deslocamentos na pretensa fixidez do gênero. Ao se montar e ao exagerar na caracterização feminina, a *drag* visibiliza um processo de produção de corpos generificados, que passam a fazer sentido e tornam-se inteligíveis no interior de uma cultura, a qual institui significados possíveis e delimita o lugar do impensável ou do dissidente. Sobretudo, a figura da *drag queen* pode desestabilizar o binário de gênero que organiza as relações sociais e estabelece fronteiras para vivências de sujeitos masculinos e femininos. Nas culturas ocidentais, de modo geral, os sujeitos vêm sendo enquadrados como homens ou mulheres, tomando como base constitutiva uma biologia que determina os lugares dos corpos e uma série de comportamentos, atitudes, habilidades e adornos (vestimentas, acessórios, símbolos) que passam a habitar esses corpos e auxiliam no processo de estabilização dos gêneros. Pensando com Judith Butler (2003), os gêneros seriam resultado de ações performativas incessantes e naturalizadas, das quais frequentemente não nos damos conta ou que acontecem independente de nossa vontade. Porém, tais ações dependem de nosso envolvimento, ou seja, não são passivamente assumidas: o gênero está sempre por fazer-se, a partir de repertórios de significados que se impõem como normas e que cobram dos sujeitos a sua incorporação. Portanto, não se trata de representar papéis, mas da materialização de normas que são permanentemente reiteradas, através de práticas reguladoras que generificam os corpos.





## Reverberações do vídeo: tensões no debate sobre gênero

Considerando essa proposta de análise, retomamos o vídeo da *drag queen* Femmenino e destacamos algo que consideramos significativo para nossa proposta de análise. Com um minuto e dezoito segundos de vídeo, é possível acompanhar a seguinte interação da *drag queen* com as crianças:

**Femmenino:** *Vocês vão ficar pensando sobre essas coisas de menino e de menina, isso não existe, tá?*

**Menino:** *Isso é preconceito.*

**Femmenino:** *Fala pra todo mundo então, esse negócio de coisa de menino e de menina é o quê?*

**Meninos (juntos):** *É preconceito.*

**Femmenino:** *Viu? Toma família brasileira!*

Os quinze segundos desse diálogo, junto a imagem de uma *drag queen* em explícita interação com as crianças de uma escola provocou reverberações que vêm se tornando muito comuns nas redes sociais, palco de embates entre concepções, frequentemente tomadas como “opiniões”. Porém, consideramos que vão além disso: as redes sociais se tornaram espaços de expressão do medo e do ódio para com as expressões de gêneros e sexualidades dissidentes da hetero-cis-normatividade, potencializado por regimes de verdade que se apóiam na formação moral-religiosa da sociedade brasileira. As reações foram imediatas.


O jornal local, *Tribuna de Minas*, em matéria<sup>5</sup> sobre a divulgação do vídeo e a polêmica que ele causou, nos informa que ele foi alvo inclusive do deputado federal Jair Bolsonaro, que o qualificou como “canalhice que estão fazendo com nossas crianças”. Em outra matéria<sup>6</sup>, do mesmo jornal, a fala da *drag queen* Femmenino é retomada como mote de uma polêmica: um conselheiro tutelar da cidade, motivado pela divulgação do vídeo e pela fala da *drag* sobre brinquedos de menina e de menino, entrou com uma representação no Ministério Público Federal solicitando que fosse verificada “a conduta da *drag queen* e da direção do colégio”. De acordo com o jornal, o conselheiro afirmou em sua página pessoal no *Facebook* que o vídeo fazia “apologia à ideologia de gênero” e que seu conteúdo desejava “desconstruir o que foi ensinado pelos pais”. Mais do que isso, o conselheiro criticou a interferência do estado (leiam-se todas as instituições extra-familiares) sobre temas que, segundo ele, seriam de única responsabilidade da família. [...] “é urgente o combate à ideologia de gênero que, com a noção de igualdade de gênero e o incentivo às relações

---

<sup>5</sup>Matéria divulgada em 16 de outubro de 2017. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/16-10-2017/video-da-ufjf-que-toca-em-questao-de-genero-gera-repercussao-nacional.html>. Último acesso em: 24 de maio de 2018.

<sup>6</sup>Matéria divulgada em 17 de outubro de 2017. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/17-10-2017/video-de-drag-queen-em-escola-provoca-polemica.html>. Último acesso em: 24 de maio de 2018.





homoparentais, coloca em risco as diferenças sexuais que possuem função estruturante no desenvolvimento psíquico da criança”, afirmou o conselheiro na matéria.

A polêmica se estendeu para a Câmara Municipal. Foi aprovada uma moção de repúdio, a partir da iniciativa de vereadores que são publicamente contrários às questões que englobam as diversidades sexuais e de gênero na cidade, especialmente quando se trata da abordagem dessas questões nas escolas. Reportagem<sup>7</sup> do Jornal Tribuna de Minas apresenta alguns dos argumentos utilizados pelos vereadores, autores da moção de repúdio, segundo os quais o colégio João XXIII teria desrespeitado a família tradicional, fazendo apologia à “ideologia de gênero” para desconstruir os “valores éticos e morais das crianças”.


O acirramento dos debates contemporâneos desses temas alimenta-se das tensões que decorrem do recrudescimento de uma moral-religiosa pautada na manutenção da heteronormatividade e dos binarismos de gênero, algo que vem se constituindo como um desafio às discussões sobre as relações de gênero e sexualidades no campo social contemporâneo. Uma moral conservadora se atualiza e intensifica seus ataques, em resposta às transformações sociais e culturais que envolvem novos direitos e leis em prol da erradicação de desigualdades e do reconhecimento público da legitimidade das múltiplas expressões de gêneros e sexualidades. Sujeitos, grupos e igrejas colocam-se contrários à pluralização das sexualidades e gêneros, num cenário de embates, disputas no campo das leis e políticas públicas, conflitos no que tange às iniciativas que buscam discutir essas temáticas nas escolas, nas universidades e no plano social mais geral.

É nesse contexto que se situa a expressão “ideologia de gênero”, cunhada nos meios religiosos para representar os aspectos sociais, culturais, políticos e históricos que divergem das proposições religiosas de certos agentes públicos, grupos e denominações religiosas. Uma das principais acusações é a de que os movimentos sociais, escolas e universidades estariam implantando essa ideologia para “apagar” as diferenças entre homens e mulheres, doutrinando crianças e jovens segundo uma indefinição identitária que desconsidera a evidência biológica. Embora tal expressão não seja de uso corrente e não obtenha reconhecimento nos estudos de gênero e sexualidade, pelo menos nas correntes contemporâneas, representa uma interpretação, um tanto equivocada e frequentemente confusa, das proposições desses estudos (CASTRO e FERRARI, 2017a; 2017b).

---

<sup>7</sup> Matéria disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/politica/16-10-2017/camara-discute-mocoes-de-repudio-em-caso-de-drag-queen-nesta-terca-feira.html>. Acesso: 24 de maio de 2018.





Junto a essa cruzada político-religiosa, identificamos outra iniciativa de contraposição à abordagem das questões de gênero e sexualidades nas escolas: o *programa escola sem partido*. A proposta do ESP se tornou conhecida especialmente com a discussão sobre a PL 867/2015<sup>8</sup> que visa incluir nas diretrizes e bases da educação nacional o “Programa Escola sem Partido”, como modo de denunciar e combater uma suposta doutrinação escolar, que estaria deslegitimando os valores morais familiares e utilizando as aulas para que os/as estudantes adotem determinados “padrões de conduta moral”, inclusive sexual. Em Juiz de Fora, recentemente (2018) foi aprovado um projeto de Lei de caráter conservador intitulado “Infância sem Pornografia”, inspirado nas proposições do ESP, o que dificulta ainda mais a abertura de diálogos sobre assuntos urgentes em uma sociedade que interpela, constantemente, crianças e jovens em relação a gênero e sexualidade.


Ao nos voltarmos novamente ao episódio ocorrido com a *drag* Femmenino, especificamente com sua entrada em uma instituição de educação básica, seus questionamentos sobre os brinquedos das crianças, coisas de menino e menina, e todas as repercussões públicas que se deram no nível local e nacional, podemos formular questionamentos que versam sobre características sócio-políticas que vão de encontro às tentativas de reconfiguração, apostando na manutenção do *status quo* de uma sociedade heteronormativa. Deparamo-nos com uma experiência em que são esperadas ou imaginadas as reações mais diversas, pensando-se que a escola (re)produz aquilo que está posto na sociedade, uma vez abarcado o pensamento social brasileiro em sua trajetória sob a ótica de nosso processo de constituição histórico.

Para além dessa primeira impressão, que afirma sobre as repercussões de embate público e basicamente acentuam a ação dos adultos, trabalhamos com o fato de que ao assistir o vídeo percebemos que o comportamento e reação das crianças são opostos às reações adversas ocorridas após sua divulgação. A naturalidade das crianças em lidar com a questão ali colocada é notória. Essa análise se faz possível através da mídia, em que foram recorrentes os discursos de ódio e organizações políticas articuladas contra a discussão educativa sobre gênero e sexualidade nas escolas. A não contradição para os defensores desse tipo de pauta que traz conjuntamente ideias de “pluralidade e neutralidade” se baseia em pensar-se que atender a essas demandas de discussão, que na maioria das vezes vem da parte dos(as) estudantes, e tocar em assuntos sobre sexualidade, gênero e diversidade, seria na verdade impor uma “ideologia de gênero”.

---

<sup>8</sup> PL disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1317168.pdf>. Acesso: 30 de maio de 2018.



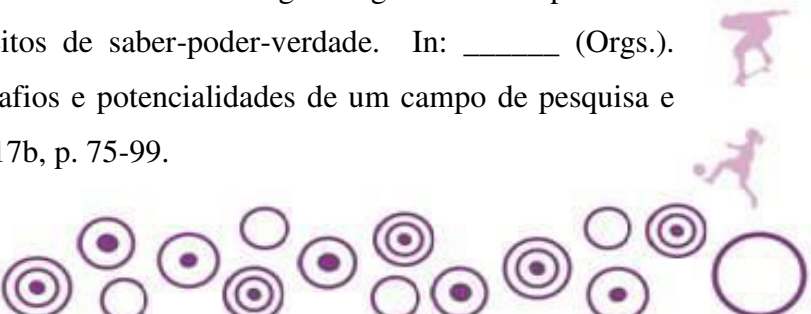


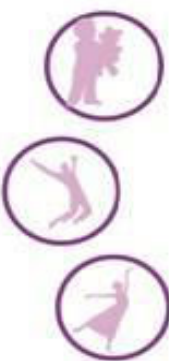
A compreensão, ao encarmos o cerceamento do tema por parte das autoridades (políticas, escolares, familiares, etc.), é de que as instituições de educação devem manter-se em uma posição formatadora de indivíduos que reproduzem aquilo que está prontamente formulado socialmente, sempre sujeitos à disciplina e à ordem. O fato de que as/os estudantes, em suas diferentes vivências culturais, não tenham recebido a *drag* com estranheza na escola gerou uma estranheza em seus respectivos responsáveis e nos indivíduos contrários ao ocorrido. Investido no argumento de que caberia à escola ser uma instituição formadora de pensamentos críticos, como isso é possível sem debatermos temas como a diversidade sexual e de gênero? Tais discussões vêm sendo constantemente solicitadas pelos(as) estudantes, mas também vetadas por autoridades escolares e rechaçadas pelo poder público. Afinal, o que pode uma *drag queen* na escola? O que podem diálogos sobre sexualidade, gênero e diversidade transformar na escola, nas instituições sociais e políticas, na cultura e nas estatísticas de um país tão violento no que tange a essas mesmas questões? As reações após o episódio que ocorreu com a *drag* Femmenino nos conduz a pensar nas relações de poder na escola e nos modos como a abordagem dos conhecimentos pode estar vinculada a discursos produzidos para regular condutas e consolidar a hetero-cis-normatividade. As reações nas mídias sociais, que possibilitam um espaço de manifestação dos discursos de ódio, também são expressivas para pensar na formação dos sujeitos numa perspectiva de problematização das realidades vividas e da “ditadura da opinião”. Nesse sentido, a escola é convocada a assumir seu papel, problematizando valores morais construídos. A presença da *drag* emerge como estratégia para criar espaços de tensão com as normas de gênero, assim como outras ações cotidianas nas escolas. Investe-se, desse modo, na quebra da polaridade do que é “ser homem” e do que é “ser mulher”, desarranjando os lugares tradicionais que estabelecem as concepções binárias como padrão normativo.

### Referências

CASTRO, Roney Polato de; FERRARI, Anderson. Educação, experiências religiosas, gêneros e sexualidades: algumas problematizações. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (Org.). **Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade**. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2017a, p. 71-83.

CASTRO, Roney Polato de; FERRARI, Anderson. A “ideologia de gênero” e os processos educativos nos discursos religiosos: efeitos de saber-poder-verdade. In: \_\_\_\_\_ (Orgs.). **Diversidades sexuais e de gêneros: desafios e potencialidades de um campo de pesquisa e conhecimento**. Campinas, SP: Pontes, 2017b, p. 75-99.





BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

